



O Círio de Nazaré: Origem e Desenvolvimento Numa Tentativa de Compreender o Evento e da Manifestação da Fé do Povo

The Círio de Nazaré: Origin and Development in Attempt to Understand the Event Ande the Manifestation of the People's Faith

Wiremberg Jose da Silva

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Sacerdote Católico e incardinado a Arquidiocese de Belém do Pará. Licenciado em Pedagogia, com Habilitação em Magistério das matérias pedagógicas do Ensino Médio e Administração Escolar, pela UCSAL. Bacharel em Teologia pela UCSAL. Mestre em Sagrada Teologia, com Especialização em Mariologia, pela Pontifícia Facoltà Teologica "Marianum" de Roma/Itália. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3149585359216320>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8607-972X>.

Denison Melo de Aguiar

Pós-doutor em Direito pela UniSalento (Itália-2024). Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/UEA). Mestre em Direito Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Direito Ambiental da Universidade do Estado do Amazonas (2009 - 2011). Advogado (6825 - OAB/AM). Graduado em Direito pela Universidade da Amazônia (2006). Professor universitário: 1. da Universidade do Estado do Amazonas (UEA); 2. da Academia de Polícia Militar do Amazonas (APM-PMAM); 3. do Centro Universitário de Ensino Superior do Amazonas (CIESA). Coordenador da Clínica de Mecanismos de Soluções de Conflitos; Clínica de Direito dos Animais (YINUAKA-UEA) e Clínica de Direito LGBT (CLGBT-UEA) da Universidade do Estado do Amazonas. Editor-chefe da Equidade: Revista Eletrônica de Direito da UEA (ISSN: 2675-5394). Integrante do Grupo de pesquisa Desafios do Acesso aos Direitos Humanos no Contexto Amazônico, vinculado à Escola Superior da magistratura do Amazonas (ESMAM).

Resumo: Situado na história cultural e religiosa de Belém do Pará desde sua fundação, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré destaca-se como a maior manifestação de fé mariana do Brasil e do mundo. Celebrado especialmente em seus 400 anos (1616–2016), o evento é compreendido a partir de textos e testemunhos históricos que apresentam Belém do Grão-Pará como a terra do Círio. Essa devoção, profundamente enraizada na identidade local, exige a compreensão de sua origem e desenvolvimento, não apenas como festa religiosa, mas como expressão histórica e cultural. A metodologia utilizada é pesquisa qualitativa, com levantamento e revisão de literatura. O artigo propõe-se a refletir sobre o lugar que a Virgem de Nazaré ocupa no contexto do Círio: qual sua importância na vivência religiosa popular e no culto eclesial? Busca-se responder a essa pergunta recuperando a origem da devoção, com ênfase na experiência do caboclo Plácido e o encontro com a Imagem, ícone central da celebração. Além disso, analisam-se aspectos atuais que contribuem para a compreensão contemporânea do evento, mantendo viva sua relevância para a Arquidiocese de Belém e para o mundo.

Palavras-chave: Círio de Nazaré; Virgem de Nazaré; Belém do Pará; piedade popular; manifestação de fé.

Abstract: Situated in the cultural and religious history of Belém do Pará since its foundation, the Círio de Nossa Senhora de Nazaré stands out as the largest manifestation of Marian faith in Brazil and the world. Celebrated especially in its 400th anniversary (1616–2016), the event is understood based on historical texts and testimonies that present Belém do Grão-Pará as the land of Círio. This devotion, deeply rooted in local identity, requires understanding its origin

and development, not just as a religious festival, but as a historical and cultural expression. The methodology used is qualitative research, with literature survey and review. The article proposes to reflect on the place that the Virgin of Nazareth occupies in the context of the Círio: what is its importance in popular religious experience and ecclesiastical worship? The aim is to answer this question by recovering the origin of the devotion, with an emphasis on the experience of the caboclo Plácido and the encounter with the Image, the central icon of the celebration. Furthermore, current aspects are analyzed that contribute to the contemporary understanding of the event, keeping its relevance alive for the Archdiocese of Belém and for the world.

Keywords: Círio de Nazaré; Virgin of Nazareth; Belém do Pará; popular piety; manifestation of faith.

INTRODUÇÃO

O Círio de Nazaré pode ser entendido como um evento e manifestação da fé do povo paraense, na condição de objeto de pesquisa. O objetivo deste estudo é descrever o fenômeno, o evento do “Círio de Nazaré” que se amplia para além do Estado do Pará, no Brasil, e mais propriamente na cidade de Belém, sua capital, diga-se o ser e o é, isto é, um fenômeno de devoção mais importante em nosso Brasil, existente há 224 anos, na capital paraense, remonta aos idos tempos de 1700, quando da experiência do encontro da imagem do caboclo agricultor e caçador nominado Plácido José dos Santos, que tem lugar às margens do Igarapé Murucutu - local onde está erigida a Basílica Santuário de Nazaré - uma imagem, portanto, com 28 cm de altura sendo o começo da devoção em Belém do Pará, e sua respectiva Arquidiocese.

A Arquidiocese de Belém do Grão Pará foi criada pelo Papa Clemente XI pela Bula *Copiosus in Misericórdia* em 04 de março de 1719, a partir de território desmembrado da então Diocese do Maranhão, a pedido de Dom João V. Em 1º de maio de 1906 por meio da bula *Sempiternum humani generis*, de São Pio X. Antigamente era Diocese e foi elevada a Arquidiocese e sede metropolitana, passando a denominar-se de Arquidiocese de Belém do Pará (Arquidiocese de Belém Do Pará).

De origem portuguesa, no entanto, a tradição do Círio de Nazaré, para o povo paraense é a grande procissão, vivida ao longo de seus quinze dias que tem seu início junto a Catedral do município, até a Praça do Santuário. Tão relevante, o citado evento religioso e cultural, para a vida e a fé do povo, que chega a ser um elemento de identidade reconhecido e enquadrado no livro de registros do Instituto do Patrimônio histórico e artístico nacional – IPHAN, nas celebrações como bem de natureza imaterial e do acervo do patrimônio cultural do País. Ao cancelar, como justificativa, o registro a União assume a responsabilidade de acompanhar historicamente e o compromisso com a sua conservação e preservação como fenômeno de identidade cultural imaterial da cultura popular brasileira, transcendendo crenças, raças, condições sociais, podendo ser analisados sobre diversos pontos de vista, em nosso caso, se dar e se procura pôr em evidência as características teológico-mariana do evento.

Ao que se sabe dos registros do passado o Círio de Nazaré, em sua primeira versão, ou edição aconteceu nas ruas de Belém em 1793 com aproximadamente dois mil soldados, clero, civis da capital e do interior do Estado. Já no seu primeiro cortejo havia a presença do Presidente da Província, os Vereadores da Câmara e o Vigário Geral que substitui o bispo que não estava no País, houve cortejo, missa e inauguração da primeira feira do arraial de Nazaré.

Dentro deste contexto, o problema de pesquisa pode ser sintetizada na seguinte pergunta: Como pode haver uma tentativa de compreender o Círio de Nazaré como um evento e uma manifestação da fé do povo? Como hipótese pode-se afirmar que o Círio de Nazaré, como evento e manifestação de fé pode ser compreendido a partir dele mesmo, tal qual quando Plácido, em seu ato de fé, se tornou um devoto à Nossa Senhora, se torna também um fator cultural do povo. O Círio de Nazaré é um evento cultural de manifestação de fé do povo.

A interligação ideológica que no ponto de vista sociocultural, entende o sagrado e o profano como fenômeno singular de interligação cultural, artístico, político e religioso, uma oportunidade de sociabilidade com todas as tradições e inovações que fazem do Círio de Nazaré de Belém do Pará um potencial empreendedorismo no aspecto turístico, econômico e religioso. E de forma ainda mais genuína e bastante especial, um orgulho à nação brasileira na contemporaneidade que numa tríade dos principais ícones da Festividade Nazarena: Imagem de Nossa Senhora (Ícone principal); a Berlinda; a corda de promesseiros, encontram um imaginário rico das manifestações religiosas que se inicia com a missa de envio, visita de réplicas da imagem as casas dos fiéis, traslado, procissões, romarias, celebrações que fazem do Círio, uma expressão da piedade popular mariana do Estado, da Cidade e da Arquidiocese.

Neste contexto, a metodologia utilizada na elaboração deste artigo envolve pesquisa qualitativa. Há pesquisa de levantamento e revisão de literatura em artigos científicos, notícias, documentos da Igreja Católica Apostólica Romana que possa subsidiar conteúdo para a descrição do Círio de Nazaré como evento e manifestação de fé na tentativa de expressar em vários meios de comunicação a saber: livros diversos, opúsculos, revistas, jornais e na internet e agora por que não se fala das redes sociais e aplicativos web de smartphones e tantas variadas formas. Dessa monta, segue a estrutura em três pontos temáticos importantes: 1 a origem histórica do Círio de Nazaré; 2. a relação cultural e devocional com o Caboclo Plácido e por fim, 3. O entendimento de Nossa Senhora de Nazaré em seu ícone.

A ORIGEM COMO TUDO COMEÇOU

“O Círio de Nazaré” é uma expressão do povo paraense e belenense para além de sua cultura, e fazendo parte dela em sua totalidade. Não se pode compreender um paraense “fora” do Círio. O círio é a alma do povo, que sem ele, seria o mesmo que afirmar que é um povo sem identidade cultural, pois todo paraense deveria ser “nazareno”, sem a Virgem de Nazaré não se pode visualizar

o círio e nem se identificar com ele e nem mesmo ser paraense, nativo e habitante deste Estado e outros tantos que aqui se agregaram ou que tomaram esta pátria como sua. Entretanto pode-se perguntar: Como a Virgem de Nazaré atrai multidões cada vez maior num mundo tão infiel, cada vez mais com a cultura do paganismo e secularizado, por vezes visto até como ateu? Num certo paganismo atual vigente e numa crise ética e moral em todos os âmbitos da sociedade moderna?

Há várias origens do Círio de Nazaré e da Festa do Círio. Quando se considera sua enorme importância nesses dois acontecimentos, o Círio e a Festa de Nazaré, que são visualizados num quase único evento. Isso para um grande número de moradores e de paraenses, não somente católicos, mas especialmente para esses. Tantas narrativas que se acrescentam e acumulam, dessas duas grandes celebrações, nos dias que precedem e sucedem tal grandioso evento, seja ele sagrado ou profano.

É interessante notar e anotar essas observações a partir de um olhar de antropólogo (Maués, 2009). Quando Dom Alberto Gaudêncio Ramos, Arcebispo de Belém do Pará, (a 09 de maio de 1957, foi nomeado Arcebispo de Belém do Pará, sendo o segundo paraense e o único belenense a ocupar o sólio arquiépiscopal de Belém), em suas palavras introdutórias a obra *História do Círio e da Festa de Nazaré*, afirma e cita o seguinte:

Embora ainda não seja considerável a bibliografia sobre o Círio, esse fenômeno religioso-sentimental que todos os anos arrasta multidões às avenidas de Belém, já diversos aspectos, inclusive antropológicos e folclóricos foram estudados. A própria imprensa se esmera em apresentar edições primorosas no dia da grande romaria, oferecendo verdadeiras poliantéias¹ de mensagens, históricas e poesias. Ninguém, entretanto, conseguiu apresentar uma síntese global, como o jornalista Carlos Rocque que, num caderno de "A Província do Pará", a 13 de outubro de 1974 reuniu, além das origens lendárias da devoção, os diversos incidentes surgidos, quando a Igreja se sentiu na obrigação de escoimar alguns abusos que, no decorrer dos tempos, se iam infiltrando no grandioso préstito mariano. Carlos Rocque, atualmente é membro destacado da Academia Paraense de Letras, decidiu-se a desenvolver o tema jornalístico e apresentá-lo em formato de livro, para maior perenidade de suas pesquisas, prestando assim assinado serviço aos estudiosos da mais impressionante romaria da região Amazônica. Nossa Senhora de Nazaré, há de recompensar abundantemente o esforço do consagrado historiador (Rocque, 2009).

Partindo diretamente à história da origem do Círio, pode se fazer a partir do seu significado comum a todos, Rocque (1981) na epígrafe de sua obra o faz:

Círio vem do latim *Cereus*. Serve para denominar uma tocha grande igual à vela pascoal. Em Portugal e no Pará é a

¹ *Significado de Poliantéia: Antologia de obras de um homem ilustre, organizada em sua homenagem. Antologia referente a algum evento notável (DICIO.COM.BR).*

designação dada para as romarias e procissões. Por influência do paraense, essa denominação tem se estendido por outros Estados. Existe Círio no Rio, em São Paulo, em Brasília, em Manaus. No interior amazônico – notadamente no Pará – Círio sempre é a procissão da padroeira do lugar (Rocque, 1981).

A Cronologia eclesiástica, organizada por Dom Alberto Gaudêncio Ramos, em formato de efemérides e só informativa afirma com toda a certeza o que tantos escritores já o fazem, que em 08 de setembro de 1793, realiza-se em Belém o primeiro Círio de Nossa Senhora de Nazaré, saindo da Capela do Palácio do Governo para a ermida de Nazaré (Ramos, 1985).

Na obra portentosa de Augusto Meira (2015) ele relata que a 08 de setembro do ano de 1793, à tarde, num sábado, saindo da Capela do Palácio do Governador, a primeira Romaria do Círio, tudo sendo conforme decisão do Capitão-General e Governador do Estado, obedecendo as instruções anteriores (Filho, 2015).

Afirma, Meira (2015) que Dom Francisco de Souza Coutinho adentra a história com seu nome fixado à mais bela procissão católica realizada no Brasil: “O Círio de Nazaré de Belém do Pará!”. O historiador narra a situação que vivia a cidade nesses anos, momentos dolorosos com forte epidemia de bexiga, enquanto a população e as autoridades se empenhavam para tal incidente, chega a capital o 7º Bispo da diocese, D. Manoel de Almeida Carvalho, presbítero secular e doutor em cânones pela Universidade de Coimbra. No mesmo dia toma posse da diocese, recebendo tal função das mãos de Joaquim José de Faria, arceidiago, procurador.

Desde a partida do 6º Bispo D. Frei Caetano Brandão, o bispado estava sob a custódia do Arcipreste, Cônego Dr. José Monteiro de Noronha, paraense, que antes da chegada do novo bispo, falecera como vigário capitular, em 15 de abril de 1794. Continua Augusto Meira, que foi sob seu governo diocesano de então, do Grão-Pará e Rio Negro, que acontece a primeira procissão do Círio de Nossa Senhora de Nazareth (Ramos, 1985, p.42-44). Assim como a instalação do “Arraial”, no lugar da Ermida, mais ou menos no mesmo local onde até hoje acontece, e a benção a toda a gente que compareceu no dia 08 de setembro de 1793 (Filho, 2015, p. 465-471).

Belém, na mesma obra citada de Augusto Meira, contava, ao termino do setecentos, com uma população de doze a treze mil habitantes, nada perdendo de seu aspecto paisagístico. Toda essa gente lutava para dar o melhor de si para alimentar uma prosperidade que caminhava ao seu tempo.

Numa rápida e considerada cronologia construída pela Revista do Círio (1991), cujo ano se celebrava a edição de número 200 do Círio tem-se²:

14/ 11/ 1182 – Milagre atribuído a Virgem de Nazaré, o qual salva de morte o iminente Fidalgo D. Fuas Roupinho (Dubois, 1953). Século XVII – Os jesuítas portugueses, chegam à Amazônia e difundem a devoção a Nossa Senhora de Nazaré.

2 Nessa cronologia, contém, alguns elementos, chamados léxicos próprios do Círio, que neste mesmo artigo dedicaremos um item que chamaremos de ícones do Círio e o afrontaremos melhor.

A esse propósito se toma nota da apresentação feita pelo Arcebispo de Belém, Dom Mário de Miranda Vilas-Boas, em 18 de maio de 1946, segue:

A devoção à Virgem Santíssima de Nazaré afirma e reafirma, inegavelmente, os profundos sentimentos religiosos do povo paraense. O Círio é, todos os anos, uma exaltação de sentimentos. E a esplendorosa Basílica de Nazaré, na policromia dos mármore, mosaicos e vitrais, é um círio sempre iluminado de fulgores inefáveis. Nada mais agradável, pois, do que conhecer a história da devoção do círio e da Basílica. É o que fizeram os revmos. Padres Barnabitas, enfeixando, nas páginas que seguem a história de lances de piedade e cheia de encantadores episódios em que brilha a grande fé estruturadora de formação cristã de duas pátrias imortais: - Brasil e Portugal! A execução do trabalho é devida à inteligência e coração do Padre Dubois. Dizer inteligência e coração do Padre Dubois, é dizer uma pena de ouro sempre a serviço de todas as causas santas, boas e belas e que já ocupa lugar de primazia nas lídes da boa imprensa em nossa terra. O Padre Dubois, escrevendo, há longos anos, em todos os jornais e revistas católicas do Brasil; e o Padre Afonso di Giorgio, compondo o poema da fé e ouro da basílica, - são merecedores da bênção especial e muito ex-corde que a ambos concedemos ao ensejo desta publicação. E que estas páginas concorram para a maior devoção a Nossa Senhora de Nazaré. A nossa veneranda sede arquiepiscopal é a cidade de Santa Maria de Belém, cujos filhos amam, ardentemente, a Santa Maria de Nazaré. Nazaré é a vida cristã em plena floração. Belém é a casa do pão que dá a vida. Só assim, à luz da Flor de Nazaré e do Pão de Belém, é que toda verdade, o Pará é o Grão-Pará (Dubois, 1953).

Outubro de 1700 – Plácido encontra a imagem de Nossa Senhora de Nazaré num nicho natural nas matas do Utinga.

O Círio de Nazaré, desde 1793, no estado do Pará em particular em sua capital, Belém, literalmente por ocasião de tão grande evento, neste dia o trânsito é interditado nas ruas centrais, as lojas e negócios fecham, as ruas nas quais a procissão passa, são decoradas em profusão, janelas e sacadas, portas, portões e pórticos são ocupados pelos moradores atentos para ver passar a ilustre cidadã que aqui fixou sua morada: A Senhora de Nazaré.

A origem do Círio e da Festa de Nazaré estão envolvidas em lendas e mitos, que se misturam a fatos históricos (Dossiê Iphan I, 2006). No Círio o paraense, e os transeuntes, experimentam uma parada na vida, nem que seja para ver passar aquela que é a razão de tamanha grandeza: Nossa Senhora de Nazaré, dificilmente se consegue separar o mito da história que está apoiada em documentos. O que se sabe é que a devoção à Nossa Senhora de Nazaré que se vive aqui em Belém, no Brasil, começou, em Vigia (hoje sede daquele mesmo município) e de lá atingiu e veio a Belém. Nesta povoação chamada Vigia que tudo começa. Esta povoação se originou, após a fundação de Belém, para ser um posto de vigilância para controle

de entrada de navios que demandavam a baía do Marajó, rumo à capital do Pará, de acordo com o historiador vigiense Domingos Antônio Raiol, o barão de Guajará, maior expoente historiador paraense do século XIX.

Há quem diga, por outro lado, uma tradição conhecida e difundida a respeito da importância da atuação dos jesuítas no período colonial da Amazônia, atribuindo a eles o importante papel relevante na origem do culto a Nossa Senhora de Nazaré nessas paragens. Como um ponto de referência claro e preciso se diz e se repete com insistência que foram, pois, os jesuítas a trazerem o culto de nossa Senhora de Nazaré. Isso tudo com clareza reflete, portanto, a real importância dos jesuítas nessas terras, que entre outras realizações importantes no início da colonização fundaram tanto Belém quanto Vigia. Apesar de que a partir de documentos existentes os jesuítas alegam que não foram eles a trazerem a devoção de Nossa Senhora de Nazaré.

Os cronistas pioneiros que nos dão notícias históricas sobre Vigia são os padres jesuítas João Felipe Bettendorf e José de Moraes. Bettendorf, missionário luxemburguês que chegou a Amazônia em 1661, por solicitação geral da Ordem, pelo Padre Antônio Vieira, diz que em sua crônica que o território de Vigia foi constituído a princípio, uma capitania pertencente a Jorge Gomes Alemó. Tem-se, no entanto, o chamado Círio de Vigia³.

Continua, Maués (2009), a dizer que também o padre Bettendorf que nos oferece a notícia que se tem sobre tal culto a Nossa Senhora de Nazaré, em Vigia, ainda na segunda metade do século XVII. A antiga povoação de Vigia, ocorre no ano de 1693, quando a mesma foi elevada à condição de Vila e recebe o nome de Vila de Nossa Senhora de Nazaré da Vigia. Fato noticiado pelo mesmo Bettendorf, com data de 1697, quatro anos após elevação de Vigia à Vila, de acordo com o cronista, nesse ano, o padre Jesuíta José Ferreira, passando por Vigia, lá encontrou estabelecida a devoção à milagrosa imagem da Virgem Nossa Senhora de Nazaré.

Uma pergunta que se pode fazer: Qual teria sido então a origem da devoção a Nossa Senhora de Nazaré, em Vigia? Ao que leva a crer e indicar que ela teria sido trazida ou pelo seu donatário, Jorge Gomes Alemó, ou por colonos trazidos ou contratados por ele, possivelmente da região de Açores e do Algarve (Maués, 2009, p. 7-13).

Quer em Vigia ou em Belém a devoção a Virgem de Nazaré tem suas expressões e suas peculiaridades. Porém, tanto o que diz respeito a imagem e 3 Vigia de Nazaré - O Círio de Vigia, município localizado a 93km de Belém, ocorreu no segundo domingo de setembro. Esse é considerado o Círio mais antigo em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré. No século XVIII, o fidalgo lusitano Dom Jorge Gomes D'Alemó teria trazido uma cópia da imagem portuguesa para Vigia. De acordo com relatos históricos, ele trouxe a imagem da Santa em 1616, sendo que ela se deteriorou com o tempo e foi levada para restauração. Eis que então teria ocorrido um ataque indígena às pessoas que a levaram e ela se perdeu. Tempos depois, Plácido (a crônica nazarena registra que ele seria vigiense) a encontrou e começou, em Belém, a devoção, por volta de 1700, copiando o estilo do mais antigo Círio, o da Vigia. Este ano, de 2017, o povo vigiense comemorou sua 313ª edição do Círio. Durante a procissão, a imagem da santa foi levada da Igreja São Sebastião em direção à Igreja Matriz, no centro histórico da cidade. Os fiéis percorreram 4km de romaria (FUNDAÇÃO NAZARÉ).

a todo esse “misticismo” do achado se tenta compreender seu uso adequado, na tentativa de assimilar o evento que é a razão de tão grande e luminosa Festa: A Virgem de Nazaré.

E a história se nos afigura verossímil, quase todos os autores são, convincentes da história e da datação do Círio, ainda que é outrossim, da datação que se nos apresenta como real e histórica, comprovado por documentos que não sofreram contestação (Mendonça, 1970, p.43-50) e do Dossiê do IPHAN recolhendo e fazendo um árduo trabalho de pesquisas nos informa:

A primeira “parada na vida” dos paraenses proporcionada pelo Círio de Nazaré ocorreu em 1793. Dois anos antes, o então presidente da Província do Pará, Francisco de Sousa Coutinho, ávido por fomentar o comércio regional paraense, resolveu organizar uma grande feira na qual os produtos agrícolas e extrativistas de toda a província seriam expostos e comercializados. Estrategicamente, Sousa Coutinho determinou que a feira deveria ocorrer no final do segundo semestre de 1793, na mesma época em que os devotos costumavam homenagear a Virgem de Nazaré (Dossiê IPHAN I, 2006, p.14).

O Círio é oficializado e, conseqüentemente, sua devoção pela Igreja e a feira organizada pelo Presidente da Província tudo acontecendo concomitantemente, (como o é, até a atualidade) demonstrando assim desde a origem um indício de popularidade da devoção à imagem, bem como a preocupação dos poderes instituídos do Estado e da Igreja, seguramente exercendo o controle sobre o mesmo. Toda essa atenção desde os tempos de outrora, alvo, portanto, da coroa e da Igreja, tal devoção dita popular, pois nasce da fé do povo à Nossa Senhora de Nazaré, aninha aí para uma institucionalização, quase um século depois de seu achado em 1700 (Dossiê IPHAN I, 2006).

A narrativa do acontecimento em 1793, conhecida de muitos e concorde com os autores que se preocupam com o estudo científico do círio:

Em junho de 1793, pouco antes da feira, o presidente da província adoeceu e fez uma promessa: se recuperasse a saúde e pudesse inaugurar a grande feira, levaria a imagem até o palácio do governo e, de lá, esta seria conduzida, em procissão, de volta à igreja. Sousa Coutinho se recuperou e, no dia 08 de setembro de 1793, cumpriu a promessa feita. O primeiro círio foi acompanhado por quase dois mil soldados, além da população civil de Belém e do interior da Província. Participavam ainda do cortejo, além do presidente da província os vereadores da câmara e o vigário geral, substituindo o bispo, que viajara a Portugal. À frente, desfilava um esquadrão de cavalaria com seus clarins, anunciando ao povo a aproximação do cortejo. Ao centro, fidalgo a cavalos formavam alas, entre as quais desfilavam as grandes damas locais, sentadas em almofadas de seus palanquins. Naquele primeiro Círio a imagem da santa foi transportada no colo do vigário geral, em um carro

puxado por juntas de bois, como se fazia em Portugal. Quando o cortejo chegou à ermida da santa, foi rezada uma missa, após o que o presidente da província inaugurou a feira que mandara montar no arraial. Foi também lançada, solenemente, a pedra fundamental da Igreja de pedra e cal que deveria ser erguida no lugar da ermida, sob a responsabilidade da irmandade de nossa Senhora de Nazaré. Esse primeiro círio revivia a lenda: a imagem da santa, levada na véspera para a capela do palácio do Governo, refazia seu caminho místico, no dia seguinte, até o local do primitivo achado. Ainda hoje esse movimento de ir e vir da imagem da santa repete-se nas procissões da trasladação e do Círio, a primeira antecedendo a segunda, do mesmo modo que foi realizado por Souza Coutinho (Dossiê IPHAN I, 2006, p.15).

Artur Vianna (Arthur Octavio Nobre Vianna), historiador e jornalista paraense, formado em medicina, irmão do cientista Gaspar Vianna, foi por alguns anos diretor da Biblioteca e Arquivo Público do Pará. Ele de espírito arguto e inteligência brilhante, [Arthur Vianna] faleceu em 1911, produziu trabalhos na época que bem revelam méritos de estudioso do Pará, entre os quais figura, como um dos mais interessantes, um estudo sobre as “Festas populares do Pará” (viana, 1904, p. 225-241), neste opúsculo portentoso o autor nos dá notícias verídica da origem da festa de Nossa Senhora de Nazaré na capital dos paraenses.

Diante de tanta história envoltas num misticismo, lendas e veracidade de tantos pesquisadores e escritores consagrados (Alves, 1980) e os que ainda vivem que beberam dessa fonte o maravilhoso (Coelho, 1998), o fantástico e inusitado, crônicas diante da lenda, no tempo e na memória de toda uma população, no culto à Senhora de Nazaré e em seu Círio.

A revista Santuário de Nazaré (2002) com textos selecionados, porém, numa visão jornalística, da qual é a proposta desse periódico, intitulada Belém, a capital mariana da fé. Foi lançada exatamente no ano em que o Círio completou 210 anos de existência e de edição. Ela numa visão jornalística⁴, surgindo com o desejo de tornar conhecida aos paroquianos da Basílica e a todo povo católico paraense a devoção mariana na Amazônia. Neste sentido essa primeira edição não poderia ser diferente aborda toda a questão histórica e devocional da história e do formato do Círio como se tem no seu modelo atual. Com os temas: Histórias de uma devoção, a presença mariana no Pará, a história do Círio, o que ele é de fato, as diversas procissões, a diretoria que a administra, entre outros temas da atualidade paroquial daquela Basílica, nos ajudam a compreender melhor do que se fala e se vive na contemporaneidade. No item seguir se passa a visualizar sucintamente o “achado” para compreender o “evento”.

4 Várias são as publicações de periódicos, revistas, jornais, a imprensa e a mídia de forma geral, todos tem algo a opinar e dizer, também artigos científicos, e até teses em faculdades algumas ainda poucas até mesmo no Brasil, algumas vistas só de um anglo, mas todas desejosas de escrever e dissertar sobre o processo histórico do Círio, cada um faz sua abordagem e defende sua visão, porém, graças a Igreja, que está atenta e faz de certo modo o crivo seletivo daquilo que se diz ou se pode afirmar.

O ENCONTRO E A EXPERIÊNCIA DO CABOCLO PLÁCIDO⁵

Plácido José de Souza teve um encontro e uma experiência única com a imagem e porque não dizer com Nossa Senhora de Nazaré, ela foi para ele uma presença significativa e ele nem sabia onde ia chegar o que aconteceria de tal encontro e presença. Ele foi o responsável inicial pelo culto que hoje é a principal e maior manifestação religiosa paraense e a maior do Brasil e do mundo no ponto de vista Mariano (procissão mariana de maior expressão no mundo), o Círio e a Festa de Nazaré, graças a esta devoção aqui iniciada a mais de dois séculos.

Se toma por fonte dois autores consagrados paraenses que tem autoridade mediante suas pesquisas e conhecimento para falarem e escrever: Arthur Vianna, já citado nesse capítulo e Carlos Rocque, também mencionado. Vianna, historiador paraense que viveu e produziu suas obras no final do século XIX e início do XX e foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Pará. Rocque, jornalista, também filho desta terra, que escreveu a história do Círio e da Festa de Nazaré, obra citada também neste capítulo, além de outras neste século em que viveu o XX e que foi membro do mesmo Instituto histórico. Tais textos são exemplares e falam com autoridade e reconhecimento de Plácido José de Souza.

Maués (2009 Apud Vianna, 1904), pontua, e escreve sobre “a tradição falada” e a “lenda” – diferindo da “história”, como “os claros testemunhos dos seus manuscritos” que nos fala sobre o achado da Santa:

Um dia errava nas matas da tortuosa estrada do Utinga, hoje transformada na bela avenida Nazaré, um destemido caçador que, acossado pela sede, em vão buscava um igarapé onde bebesse. Na infrutífera pesquisa descobriu umas pedras cobertas de virentes trepadeiras, entre as quais, em uma espécie de nicho natural, deparou com uma pequena imagem da Virgem da Nazaré. Tomado de surpresa, supersticioso e crente, viu o caçador naquele achado um fato sobrenatural que o seu cérebro não podia explicar; e logo acudiu-lhe à mente a ideia de conduzir a imagem para sua pobre choupana.

Vianna (1904) nos situa na chamada “lenda”, e nos diz diante de sua autoridade de historiador de mais de cem anos:

Saindo da inconstância da lenda popular, para rebuscar nos arquivos documentos que nos esclareçam com segurança, deparamos em primeiro lugar com o ofício do governador e capitão general dom Francisco de Souza Coutinho, ao governo português, do qual extraímos as notas que se seguem. Em meados da era de 1700, morava na estrada do Utinga um homem de cor parda, chamado Plácido, cuja origem e sobrenome são ignorados [...]. Plácido era homem de fé viva, inculto,

⁵ Contrariamente ao que geralmente se faz, a atenção e o foco agora serão para a figura, o personagem e a importância para quem a encontrou: “[...] Plácido José de Souza, um importante cidadão paraense dos séculos XVII e XVIII, a quem até a contemporaneidade, não se fez a justiça necessária [...] (MAUÉS, 2009 Apud VIANNA, 1904, p. 7- 13).

mas honesto; na sua pobre palhoça havia um tosco santuário cuidadosamente tratado, contendo uma pequena imagem de Nossa Senhora de Nazaré. Qual o artista que a esculptou e como a obteve Plácido, não diz o citado documento. Não tardou que os milagres da santa a tornassem popular e atraíssem ao humilde albergue uma fonte corrente de devotos, uns que iam implorar-lhe de joelhos, com a esperança n'alma, o alívio para os seus males ou para os sofrimentos de entes caros; outros já curados, que apressavam a saldar a dívida sagrada da promessa. À romaria religiosa faltavam apenas os desiludidos e os mortos; para quem não houvera clemência, e que, jamais contados, nada influíam sobre o culto sempre crescente da Virgem. A habitação de Plácido ficava no lugar da primitiva ermida de Nazaré, sem que existissem, então, o largo, a estrada de São Jerônimo, as travessas que a cortam. A cidade começada a edificar, do Castelo para Bagê, chegava apenas com algumas casas ao largo da Campina. Quando o modesto devoto da santa faleceu, transmitiu a Antônio Agostinho a sua missão religiosa, que, sob novos esforços, levou adiante o culto popular (Maués 2009 *apud* Vianna, 1904).

Analisando esses textos, Maués (2009) explicando o texto de Vianna (1904), diz que nessa transcrição acima citada se encontra o essencial a respeito da origem do Círio e da Festa Nazaré, do achado, do encontro e do contato com que o Caboclo toca com mãos, coração e mente, a partir de sua sensibilidade e humildade. Vianna retoma a Belém da primeira metade dos anos de 1700, anterior a história da cidade onde abriga a histórica imagem, e o culto de Nazaré, portanto, uma pequena cidade que, tendo sido fundada em 1616 às margens da baía de Guajará, no Forte do Presépio, depois denominado Castelo, expandiu-se logo de início a rua chamada Norte (hoje Siqueira Mendes), constituindo aí o quarteirão ou bairro hoje conhecido e denominado de Cidade Velha e, partindo daí extensivo a Campina, outro bairro, até a atual praça da República. A partir daí, Belém, a nova cidade que Caldeira encontrou, ali terminava: seguindo depois a estrada do Utinga (hoje a grande Avenida Nazaré) prosseguindo por vários quilômetros dum caminho simples, podia-se estabelecer uma ligação segura terrestre com a então Vila de Nossa Senhora de Nazaré da Vigia ou com São Luís, no Maranhão. Acanto a isto o igarapé⁶ chamado Murucutu habitava Plácido, adjetivado qual um “destemido caçador”, “supersticioso e crente”, “homem de cor parda”, “inculto, mas honesto”, “cuja origem e sobrenome são ignorados”.

6 Igarapé é o curso de um rio ou canal, e o termo significa “caminho de canoa”, e é um termo oriundo do tupi, uma língua indígena. Igarapé pode ser um estreito ou pequeno canal entre duas ilhas, ou entre uma ilha e a terra firme. Igarapés existem principalmente na Bacia Amazônica, e são conhecidos por só darem passagem a embarcações pequenas, pois possuem pouca profundidade, águas normalmente escuras, costumam ficar escondidos no interior de matas. Mesmo com o tamanho, o igarapé não deixa de ser uma importante via de transporte, mesmo que para embarcações pequenas. Igarapé é também um município brasileiro, de Minas Gerais, e é localizado na região metropolitana de Belo Horizonte (DICIO.COM.BR).

Maués (2009), observa que exceto quanto à suposta valentia desse caboclo [Plácido] de cor parda todas as referências, portanto, de Vianna, provável imaginárias tanto quanto a primeira, demonstram de certo modo o preconceito de um intelectual brasileiro e paraense do final do século XIX e início do XX, mas com os populares. Porém, o mesmo, diga-se dos dias, da atualidade que se continua a ter tais preconceitos, de um lado um grupo que chamado inteligente e intelectual do outro ao invés, do povo, simples não sabem. E esse primeiro grupo e seus conhecimentos “certamente maiores” de história e de ciências sociais?

Se torna o Caboclo em questão, Plácido aquele que encontrou a imagem é um personagem histórico e real, sua existência é atestada por outros documentos, ele era um dos muitos “donos de santo” que existiam no período colonial brasileiro e que se continua na contemporaneidade esses reflexos entre os católicos populares e devotos no campo e em nossas cidades. Se efetivamente achou a preciosa imagem de Nossa Senhora de Nazaré, símbolo maior de nosso culto atual e em questão, ou se a adquiriu por outros meios, se está no campo da impossibilidade probabilística de o saber. Nos documentos fidedignos consultados por historiadores sérios e com autoridade, nada se diz em detalhes sobre o achado, se diga não existe um certificado de encontro ou de achado. Se trabalha mais adiante com o aspecto teológico e mariológico⁷ do evento para compreendê-lo.

No entanto, enquanto tudo isso se desenvolve e assume tantas quantas posturas possíveis e imaginárias, fruto de pesquisas e documentações dignas e fidedignas, no inconsciente coletivo e na memória coletiva que nos transmite tal crença [do achado e do caboclo] por que negá-la? Tal memória é uma construção coletiva e construída socialmente, de gerações passadas. Podendo as mesmas estarem de acordo ou desacordo, com os “documentos” escritos. Portanto, quem nos garante que só documentos contêm a verdade? Ou que os contêm de fato? E no que se refere, ou mesmo numa visão, teológica como já dissera que se aborda ainda neste artigo em questão e mais que será o elemento novo de nosso escrito, deste trabalho, o elemento «mariológico», querer que em assuntos de fé, se encontre uma racionalidade e realidade humano-explicativa absoluta?

Para o fiel devoto, portanto, o que importa é sua fé e não aquilo que historiadores sociólogos e ciências afins possam denominar de “verdade”, de natureza histórica ou científica. Pode-se afirmar sem medo de que de certa maneira tal “achado” foi um desígnio de Deus para esta terra de Belém, que desde sua origem teve a presença mariana, “Santa Maria de Belém” nome trazido pelo colonizador e descobridor, e “Santa Maria A Virgem de Nazaré”, dado, visto, encontrado, achado por este “Anjo Caboclo”.

Dos relatos do achado ainda se prossegue citando o Dossiê do IPHAN I que por volta, entorno a 1700, conforme reza a tradição, caminhava nas matas da então tortuosa estrada do Utinga, hoje Avenida Nazaré, em Belém do Pará, um caboclo agricultor e caçador seu nome: Plácido José dos Santos. Levado por tamanha sede, acabou descobrindo entre pedras cobertas por trepadeiras, às margens do igarapé

⁷ Desenvolveremos dois conceitos: “Mariofania” e “invenção” no sentido francês e latino da palavra. Segundo o dicionário de aparições em língua original francesa.

Murutucu (hoje atrás da atual Basílica de Nazaré), uma espécie de nicho natural com uma pequena imagem da Virgem de Nazaré (esta imagem está custodiada na Basílica no altar central no alto, ela original, segundo a tradição, tem 38,5 centímetros de altura).

Plácido a levou para casa e, no dia seguinte ao acordar, viu que havia desaparecido. Tomado de susto, correu ao mesmo igarapé onde a havia encontrado e percebeu que ela havia “voltado” para lá. Tal fenômeno se sucede com frequência, até o governador da época (de nome não esclarecido) mandou que a imagem fosse levada para a capela do Palácio do Governo, vigiada por soldados durante toda a noite em vigília, para impedir que alguém ali penetrasse ou de lá saísse. Tal evento aconteceu de novo, no dia seguinte encontrada no mesmo igarapé, mesmo local para onde sempre retornava, com gotas de orvalho e carrapichos, dessa vez, presos ao seu manto, numa “prova” da longa caminhada através da estrada: ela “viva” novamente se locomovera por seus meios próprios.

Com todos esses seguidos acontecimentos, Plácido, decide construir uma ermida pequena para abrigar a imagem. Tal notícia espalhou-se com rapidez, atraindo para a palhoça – ermida do caboclo os lenhadores e os habitantes vizinhos da cidade que de curiosidade, passaram a ser devotos e aumentar a fileira dos devotos da santa que “fazia milagres”. Todo ano aumentava o número dos visitantes que iam até a referida cabana afim de ofertarem seu ex-votos – objetos de cera representando membros do corpo humano, muletas e retratos, forma que os fiéis demonstravam seu reconhecimento em graças alcançadas, aos pés desse modesto altar.

Nas peregrinações de então feitas, sobressaiam os círios ou velas de cera que tanto em Portugal, depois passaram a denominar a própria procissão feita em homenagem à santa, quanto a isso já falado e citado por Dubois, em sua obra originária para falar da devoção em Belém do Pará.

No próximo item se fala de certo, da oficialização do culto próprio e particular em Belém do Pará, mas antes se deve certificar que tal Dossiê do IPHAN I (2006, p. 84-86), apresenta uma cronologia com precisão histórica desses fatos acima narrados, nos detendo com primordial atenção ao “Ícone”.

O ÍCONE DOS ÍCONES A “SENHORA DE NAZARÉ”

Neste item se quer dar um destaque solido no qual se apresenta um substrato teológico de nossa proposta se começa a apoiar em Perella. Para se começar a entender o evento estudado do ponto de vista teológico, falando o mesmo no capítulo IX de seu livro um dos últimos afirma intitulado: *Le icone teologiche contemporanee di Maria, no item “Le molteplici icone odierne”*(Perrella, 2015).

A Imagem de Nossa Senhora aqui com o título de Nazaré, torna-se o centro das atenções. A ligação é muito simbólica dos devotos com Deus e se faz, particularmente, via Imagem de Nossa Senhora de Nazaré e não via clero, (apesar que este através da figura do Arcebispo que o preside), tal fenômeno é muito comum no catolicismo popular brasileiro.

Essas Imagens original e peregrina de Nossa Senhora de Nazaré é a razão de ser de tamanha Festa e evento, são, portanto, elementos essenciais da celebração do Círio e seu principal símbolo, ícone⁸ de fé, devoção e tradição (Dossiê IPHAN I, 2006, p.71). Por aqui há uma tradição muito forte e vivente aos dias de hoje, quanto a imagem:

[...] A imagem desaparecida só foi encontrada quatro séculos mais tarde, em um pequeno abrigo de pedras no alto do monte Siano, ainda em Portugal. A notícia de descoberta espalhou-se rapidamente e logo chegou ao conhecimento de dom Fuas Roupinho, um fidalgo Português, que passou a visitar a Santa frequentemente no seu rústico altar. E foi justamente com dom Fuas Roupinho que aconteceu o primeiro milagre. Era o ano de 1182, quando o fidalgo, em uma caçada a um veado, quase cai num precipício. Segundo os historiadores, na ocasião dom Fuas evocou a Virgem e sua montaria parou à beira do abismo, subitamente, no chão de pedras.

Com os primeiros colonizadores portugueses chegou ao Pará também a devoção à Virgem de Nazaré. Como a imagem veio para Belém, ninguém sabe explicar, mastodos os historiadores são unânimes em dizer que ela foi trazida da Vigia, onde o culto à Virgem foi introduzido pelos jesuítas, provavelmente no ano 1697 (Revista Círio, 1988, p.10-13)

Daí decorre, a descoberta de Plácido (Maués, 2009, p.47-50), o aumento da devoção, D. João Evangelista, o V Bispo de Belém em 1773 (Ramos, 1985, p.37), visitava a imagem em sua choupana ou ermida, seguido por quase todos os moradores da cidade de então e ali profere um sermão, e coloca a cidade sob a proteção da Virgem. No ano seguinte o mesmo bispo a manda a Portugal para um completo restauro, e retorna a casa no mesmo ano, nesse retorno é levada ao seu nicho levada pelo bispo, governador, tropa e centenas de fiéis, uma verdadeira romaria, ainda sem a existência da palavra e dos atos do que viria a ser: “O Círio”.

A “Imagem do Plácido” quase nunca sai da Basílica Santuário. Permanecendo em seu “Glória”, vestida com manto adornado de ouro, sob uma redoma protetora. Ela possui feição verdadeiramente de uma Senhora Portuguesa. Tem sentado em seus braços o Menino Jesus forrado por um cueiro a sustentar o globo. Pousada sob a bola de nuvem na qual é talhado um anjo, medindo em torno dos 30 cm, o que com o pedestal que a sustenta somando uns 38 cm.

A estatueta lígnea, de poucos centímetros pequenina, mas tão expressiva, que consegue derrubar nossas “ vaidades pessoais”, não quis deixar seu “lugar” onde havia sido encontrada. Foi preciso seu “achante” construir uma palhoça [ermida], logo transformada em centro de devoção e peregrinação, de orações e milagres. Antônio Agostinho construiu uma ermida de taipa e palha, entre 1730 e 1774. No período de 1852-1881 surge a matriz de alvenaria que hoje serve de salão paroquial e casa dos padres.

⁸ A tal propósito o verbete “Iconos” e “iconografía Mariana”. DE FIORES, S.; MEO, S.; TOURÓN. *Nuevo Diccionario de Mariologia*. Madrid, 1988, p.879- 889.

A partir do achado, da experiência de Plácido, da história e de seu desenrolar, até nossos dias e depois falando como finalização desse item da “Imagem Peregrina”, mas o que aqui agora se cita servirá para as duas imagens, se trabalha do ponto de vista teológico-mariológico os conceitos e se faz as citações e referências de notas. Os conceitos que nos ajudam e que constitui uma “novidade” neste nosso trabalho é que, se está diante do maravilhoso, do inusitado, do fantástico de Deus que irrompe na nossa história, a saber: o mito mariano, uma mariofania e o que é próprio desse evento de “achado” uma “invenção” (*inventio*) e presença mariana do jeito que aconteceu e aqui permanece até os hodiernos dias. Apresentando o “mito em Maria” e sua presença em sentido teológico- mariológico.

O Mito (De Fiores; MEO,1995, p.894-902; Tourón, 1988, p. 1345-1357), no contexto da aparição e atual reinterpretação dele, e entendê-lo Maria e o mito, assim se expressa:

Para poder comprender el significado que tiene el mito a propósito de la bienaventurada Virgen Maria es necesario, basándonos en cuanto se ha dicho en los párrafos precedentes, puntualizar el significado y la valencia del término mito en su aplicación específica al discurso religioso cristiano.

A Mariofania como tal nesses eventos e desses contextos mesmo o que ocorre na cidade de Belém, na introdução do livro (Perrella, 2009, p.05) é uma:

Di solito nel linguaggio comune e pastorale si adopera la conosciuta e rodata formula «apparizioni mariane»; acanto ad essa in questo libro, si troverà anche un'altra espressione, che ne è sinonima: «mariofanie». Il vantaggio di quest'ultima, secondo S. De Fiores, consiste non solo nel declinare il fatto dell'apparizione della Vergine, ma soprattutto nell'indicare la «persona di Maria e la sua funzione in continuità con i dati biblici, che costituiscono la vera e fondamentale mariofania. Maria è identificata sempre come Madre di Gesù, ma non appare personaggio del tempo passato. Ella si presenta come persona viva, luminosa, glorificata, che si interessa dei suoi figli e della sorte del mondo.

Ainda Perrella (2009) em outra obra mais complementar nos aborda diretamente o tema da “invenção” que será nosso último verbete de compreensão para tais eventos:

[...] Maria è identificata sempre come Madre di Gesù, ma non appare personaggio del tempo passato. Ella si presenta come persona viva, luminosa, glorificata, che si interessa dei suoi figli e della sorte del mondo. Secondo noi in e conquisto lemma, invece, andrebbero oinclusianche i fenomeni e i segnimario fanici non immediatamente legatialla vera e própria apparizioni sensibile della Vergine gloriosa, quali ad esempio, le la crimazioni (di sangue, di lacrime, di olio e di mirra); la invenzione, cio è il ritrovamento, prodigioso di immagini sacre; los gorgaredi una sorgentedi acqua

dicui in seguito si sperimenta no virtùcur atriciina spettate, statue e dimmagini che cambiano colore, statue luminose (irradiamento), «parlanti», «animate», con o senza movimenti oculari.

No nosso caso além de imagem achada, encontrada, também que ia e vinha, ou seja, se movia, como que andasse com seus próprios pés. Nos serve, portanto, para uma reflexão e estudo a obra portentosa e grandiosa de Clodovis Boff (2006, p.591), fala no capítulo 2, da parte VI, do potencial sociolibertador das aparições marianas. No que se refere a invenção nas aparições marianas, ou no achado, prodigioso de uma imagem sagrada cita-se Laurentin e Sbalchiero (2007, p.451- 452): *“Invention: Ce mot issu du latin inventio (de invenire: trouver) signifie “trouvaille”, “découverte” [...]”*.

Todas essas referências acima mencionadas, nos dão a clara ideia que de se trata no achado de Plácido em relação a Virgem de Nazaré e o que ela significa para este povo e sua devoção que atravessa mais de dois séculos de fé (Bonna, 1993).

Diante de todas essas questões sob o aspecto da teologia e da mariologia como tal que é segundo o prisma que se apresenta esse nosso trabalho científico, percebe-se já desde o início da colonização portuguesa nessas terras, assim como no Brasil a fora com a devoção mariana presente desde os primórdios uma presença mariana, a este argumento afirma:

O tema da presença de Maria reveste-se de atualidade e de importância indiscutíveis, tanto por estar em condições de resumir o papel da Virgem na história da Salvação, quanto pelo conteúdo antropológico recebido da cultura personalista do nosso tempo. Não é difícil discernir a direção impressa pelo Espírito Santo na Igreja de hoje, que se sente incentivada à compreensão melhor do papel receptivo e ativo da Virgem no crescimento do corpo místico de Cristo e no itinerário espiritual de cada fiel. Para tratar e ilustrar o tema da presença de Maria, não é possível abandonarmos o terreno histórico em que vivem e agem as atuais gerações cristãs, nem nos descuidarmos dos dados que emergem do NT ou da Tradição eclesial (De Fiores; MEO, 1995).

Conforme falado no início deste nosso item, se passa agora a “Imagem Peregrina”: como o nome diz é uma segunda imagem réplica da original, sendo que a “original” é “aquela que Plácido encontrou” (Bonna, 1993, p. 42-47), tem um lugar central e especial na Basílica Santuário (De Fiores ;Schiefer ;Perrella, 2009, p. 1050-1059), esta outra ao invés, é peregrinante, a primeira tem traços significativos de uma senhora portuguesa e o é de fato, a segunda tem traços amazonidas, paraense e cabocla dopovo e da gente do Pará9. O Dossiê do IPHAN, pouco ou quase diz em detalhes dessa imagem assim como outros relatos e documentos ainda são discretos ou mesmo não divulgam muito, porém, se sabe que essas duas imagens e principalmente a chamada Peregrina é razão de ser do Círio, é a essência do mesmo.

9 Esta imagem é a que sai no Círio e em todas as procissões e romarias oficiais.

Tal imagem, também reconhecida como “autêntica” ou “imagem do achado”, a escultura de madeira encontrada pelo caboclo Plácido, no ano de 1700, tem 28 cm de altura, cabelos caídos sobre o ombro direito e carrega ao colo o Menino Jesus despido com um globo nas mãos. Aos pés da Virgem, há a cabeça alada de um anjo, que é o símbolo iconográfico da glória celestial. Na Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré, a imagem autêntica fica em redoma de cristal no altar-mor, o Glória, entre anjos, nuvens e um belo esplendor de raios. De lá, ela só é retirada uma vez ao ano, numa cerimônia conhecida como a “Descida da Imagem” ou “Descida do Glória”, que ocorre na véspera do Círio, às 13h. Após a descida do Glória, durante toda a quinzena da Festa, a imagem fica num nicho instalado no presbitério, portanto mais perto dos devotos. Desde que foi encontrada, a imagem autêntica já foi restaurada três vezes. Ela é coberta por um manto canônico, trabalhado com fios e enfeites de ouro.

Ao invés da “Imagem Peregrina”: assim conhecida a partir de 1969, por motivos de segurança, a imagem autêntica que era levada nas procissões do Círio foi substituída por outra, que é uma cópia alterada da imagem encontrada por Plácido. É chamada de “imagem peregrina” porque sai em todas as procissões e cerimônias oficiais da festa Nazarena. Durante o ano, ela fica na sacristia da Basílica Santuário.

A “peregrina”, é patrona do Estado do Pará, é de lei, lei dos homens, que a Senhora de Nazaré é merecedora das honras de Estado, desde 1971. A Lei da Padroeira (Bonna, 1993, p.67). A partir de 1969, por motivos de segurança, a imagem autêntica que era levada nas procissões do Círio foi substituída por outra, que é uma (cópia alterada) da imagem encontrada por Plácido. É chamada de “Imagem Peregrina”, mimo e amor do povo de Pará, porque sai em todas as procissões e cerimônias oficiais da festa Nazarena. Durante o ano, ela fica na sacristia da Basílica Santuário. O artesão da época que talhou a imagem na Itália, com rosto naturalmente de uma mulher jovem e paraense. Feita a encomenda “no melhor artesão do lugar” e escolhida a madeira de melhor qualidade dos bosques germânicos, lê-se na etiqueta ainda colada à base do pedestal: “Giacomo Vincenzo Mussner. Sculptor. Ortisei 240 (Bolzano) Italy” (Vasconcelos, 2009, p. 87).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com um certo realce conclusivo ao deste artigo se pode julgar importante afirmar que “O Círio e a Festa de Nossa Senhora de Nazaré”, se insere numa tradição de mais de dois séculos (1793–2017) porém, a devoção é bem mais antiga do que se possa imaginar, com todos aqueles elementos “mariológicos” que se tenta inseri-los. Santa Maria quis conquistar o coração do povo do Pará, com elementos simples, históricos e até polêmicos. Deus através desta pequena imagem, deste ícone, talvez frágil, da “Virgem” irrompe as barreiras do humano muitas vezes para se mostrar e se fazer conhecido e amado naquela que o gerou na carne. Ela, a Virgem, nessa expressão do Círio se incultura plenamente, talvez nem sempre de modo adequado e numa forma inesperada. É a irrupção de Deus na história, na humano-figura da Mãe humano-divina de seu Filho.

O que então dizer do Círio? É uma aventura de Deus como o foi uma aventura “descobrir” essas terras e nessas paragens, Santa Maria permanecer junto ao Filho?

Pode-se compreender o “fenômeno” aqui ocorrido e evangelizar a partir dele, perceber que há uma “mariologia popular”, assim como, uma devoção popular e piedade muito forte e sabendo que Maria é dado essencial da fé cristã, que é, portanto, central. Deve-se partir daí para compreender e ser Igreja com Maria a Mãe de Jesus. Com os critérios da Igreja, a partir do Concílio Ecumênico Vaticano II, e não deixar Maria se “perder” no meio da multidão. Direcionar tudo com a reta visão bíblica, dogmática, magisterial, ecumênica e pastoral da Igreja em todos os seus princípios.

A partir do aspecto mariológico e as abordagens feitas neste artigo do Círio de Nazaré, já constitui em si certa originalidade como uma tentativa de interpretação do evento, seu significado e atualização. A “*devotio*” à Santa Maria de Nazaré, é muito anterior ao Círio, remontam, pois, a tradições antiquíssimas e talvez nem registradas, pois se encontram nos chamados “mitos marianos” necessários para os fatos que aqui se sucedem.

E finalmente, a convicção e profundidade deste tema assim como suas limitações, porque não se pode abordar todos os aspectos, necessitará no futuro continuar a investigar e pesquisar as diversas facetas do episódio em pauta. Sabendo da riqueza que é, e perceber nela a mão de Deus, enquanto “irrupção divina”.

Assim como Plácido teve a delicadeza e o zelo para com a Mãe de Deus, Nossa Senhora de Nazaré, que achada com seu manto espargia a luz divina e misteriosa, se faz também que haja o seguimento de seu exemplo, e se traga para cada lar, Nossa Senhora, e a população seja como discípulos que se quer aprender do Mestre para que, contemplando verdadeiramente quem é Maria na vida Igreja, como modelo e arquétipo também se siga O Cristo na Igreja com Maria a Mãe de Deus e da Igreja.

Seja, portanto, acima de tudo o coração do fiel e do devoto de Nossa Senhora de Nazaré o santuário onde nele se reflete com a Palavra de Deus, a sagrada tradição aquela que continua a apontar o Cristo, nosso Salvador.

REFERÊNCIAS

ALVES, Isidoro Maria da Silva. **O Carnaval Devoto: Um estudo sobre a Festa de Nazaré, em Belém**. Petrópolis, Editora Vozes LTDA. 1980.

ARQUIDIOCESE De Belém Do Pará. **Histórico**. Disponível em: <http://www.cnbbn2.com.br/index.php/dioces/es/arquidiocese-de-belem>. Acesso em 20 de março de 2017.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. **Livro dos Atos dos Apóstolos**. Novo Testamento, 2002, p. 1900. São Paulo, Paulus.

BOFF, Clodovis M. **Mariologia Social: O significado da Virgem para a Sociedade**. São Paulo, Paulus, 2006.

BONNA, Mizar. **Dois séculos de fé**. Belém, Edições CEJUP, 1993.

COELHO, Geraldo Mártires. **Uma Crônica do maravilhoso**. Legenda, tempo e memória no culto da Virgem de Nazaré. Belém, Imprensa Oficial do Estado, 1998.

DE FIORES, Stefano.; MEO, Salvatore. **Dicionário de Mariologia**. São Paulo, Paulus, 1995.

DE FIORES, Stefano.; MEO, Salvatore.; TOURÓN, Eliseo. **Nuevo Diccionario de Mariologia**. Madrid, San Pablo, 1988.

DE FIORES, Stefano; SCHIEFER, Valeria Ferrari; PERRELLA, Salvatore M. **Dizionario San Paolo Mariologia**. Milano, San Paolo, 2009.

DICIO.COM.BR. **Significado de Igarapé**. Dicionário on-line. Disponível em: <https://www.significados.com.br/igarape/>. Acesso em 17 de março de 2017.

DICIO.COM.BR. **Significado de Poliantéia**. Dicionário on-line. Disponível em: www.dicio.com.br/polianteia. Acesso em 15 de março de 2017.

DOSSIÊ IPHAN I. **Círio de Nazaré**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2006.

DUBOIS, Florêncio de. **A devoção à Virgem de Nazaré em Belém do Pará**. Belém-Pa, 1953.

FILHO, Augusto Meira. **Evolução histórica de Belém e do Grão-Pará: Fundação e História 1616–1823**. 2ª edição revista e aumentada: Edição Comemorativa, Belém – Pará, 2015.

FUNDAÇÃO Nazaré. **História do Círio de Vigia**. Disponível em: <http://www.fundacaonazare.com.br/novoportal/index.php?action=Canal.interna&oCanal=7&id=18481&classe=N>. Acessado em 15 de março de 2017.

LAURENTIN, René ; SBALCHIERO, Patrick. Dictionnaire des «apparitions» de la Vierge Marie. Paris, Aux Editions Fayard, 1987.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **O homem que achou a santa – Plácido José de Souza e a devoção à Virgem de Nazaré**. Belém-PA, Alves Gráfica e Editora, 2009.

MENDONÇA, João Alfredo de. **Um culto religioso que atravessa séculos: Nossa Senhora de Nazareth**. Câmara de Letras e Artes, Belém – Pará, 1970.

PERRELLA, Salvatore M. **Impronte di Dio nellastoria: Apparizioni e Mariaio fanie**. PERRELLA, Salvatore M. Padova. Edizioni Menssaggero Padova, 2011.

PERRELLA, Salvatore M. **La Madre di Gesù nella Teologia. Percorsimariologicidal Vaticano II a oggi**. 1 Virgo Liber Verbi. Roma, Aracne, 2015.

PERRELLA, Salvatore M. **Le Mariofanie: Per una teologia delleapparizioni.** Padova, Edizioni Messaggero Padova, 2009, p.5.

RAMOS, Alberto Gaudêncio, Bispo. **Cronologia Eclesiástica do Pará.** Belém-Pa, Gráfica Falangola, 1985.

REVISTA CÍRIO. **A Imagem da Devoção: Em 195 anos, a crescente fé na pequena imagem.** História. Belém-Pa, Outubro de 1988.

REVISTA DO CÍRIO 91. **A festa da fé.** Cronologia do Círio. História. Belém do Pará. 2º Domingo de Outubro, 1991.

REVISTA SANTUÁRIO DE NAZARÉ. **Belém, a capital mariana da fé.** edição nº 1, Ano 1, outubro de 2002.

ROCQUE, Carlos. **História do Círio e da Festa de Nazaré.** Mitograph Editora Ltda. Belém- Pa, 1981.

VASCONCELOS, Elisabeth Mendonça de; BONNA, Mauro Cezar Klautau. **O livro do Círio.** Belém, Floresta: Guia, 2009.

VIANNA, Arthur. **Festas Populares do Pará I.** A Festa de Nazareth. Annaes da Bibliotheca e Archivo Público do Pará, Vol. III, 1904. BITENCOURT, C. M. F. Pátria, civilização e trabalho: o ensino nas escolas paulistas (1917-1939). São Paulo, 1988. 180 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.